



Recebimento: 22/02/2018

Aceite: 15/08/2019

RESPONSABILIDADE SOCIAL DA MULHER NA SUCESSÃO DA CAFEICULTURANA REGIÃO DAS MATAS DE MINAS

SOCIAL RESPONSIBILITY OF WOMEN IN THE SUCCESSION OF CAFEICULTURE IN THE REGION OF MATAS DE MINAS

Mariana Rodrigues de Faria¹
Williams Pinto Marques Ferreira²
Silvana Maria Novais Ferreira³
Angelo Salton⁴

Resumo

A produção de café na região das Matas de Minas é responsável pela quarta parte do total produzido em Minas Gerais, sendo que grande parte desta produção é proveniente da agricultura familiar. Porém, as propriedades familiares são caracterizadas por serem conduzidas pelo núcleo familiar e com pouco auxílio tecnológico, podendo tornar sua continuidade incerta para as gerações futuras. Objetivou-se abordar o processo de sucessão entre gerações de cafeicultores dentro dos contextos culturais, econômicos e sociais, dando ênfase no papel da mulher no processo de hereditariedade da cultura agrícola aos filhos. No presente estudo, foram analisados 146 questionários aplicados às mulheres das propriedades rurais da região das Matas de Minas, abordando sua participação no processo de sucessão. Foram utilizadas análises estatísticas descritivas para discussão dos resultados. Foi possível observar que as mulheres entrevistadas participam do processo de sucessão da atividade cafeeira. Porém, não existem estratégias para a realização do processo de sucessão, bem como critérios definidos para a escolha dos herdeiros. Existe a tendência de a cafeicultura possuir a tradição das famílias em trabalhar nesse setor, podendo influenciar os responsáveis a motivarem seus possíveis herdeiros a permanecerem nessa atividade. Conclui-se que é necessário haver maior preocupação e planejamento por parte das famílias envolvidas na cafeicultura para que os futuros herdeiros se sintam engajados e motivados a continuar nesse setor. As mulheres, apesar de praticarem o processo de sucessão no meio rural, precisam ter consciência da importância do papel que exercem tanto dentro da família quanto no processo de preparação dos possíveis sucessores.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Café. Reprodução na agricultura. Sucessão no campo.

¹ Graduada em Agronegócio pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa – MG, Brasil. E-mail: mariana.faria.mg@gmail.com

² Doutorando em Engenharia Agrícola (UFV). Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Viçosa – MG, Brasil. E-mail: williams.ferreira@embrapa.br

³ Gerente Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, Viçosa – MG, Brasil. E-mail: silvananovais@senarminas.org.br

⁴ Doutor em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa – MG, Brasil. E-mail: angelo.salton@ufv.br

Abstract

Coffee production at the region of *Matas de Minas* is responsible for a quarter of total production in the state of *Minas Gerais*, and most of the production. However, family farming is characterized as being conducted by the heads-of-households, with little technological aid. Hence, its succession can be uncertain to the future generations. This work aims to approach the succession process among generations of coffee farmers, considering cultural, economic and social contexts, emphasizing the role of women in the process of heredity of agriculture to its relatives. In this study, 146 questionnaires applied to the women living in rural properties in the *Matas de Minas* region were analyzed. Descriptive statistical analyses were used to interpret and discuss the results of the survey. We observe that women are engaged in the process of farming succession. On the other hand, there are not strategies for such succession, nor criteria for choosing the heirs. Coffee farming possesses a tradition at family succession, influencing the heads-of-households to keep their heirs in the activity. In conclusion, there needs to be greater care and planning by the families involved, to stimulate and motivate future generations of coffee farmers.

Keywords: Family farming. Coffee. Reproduction in agriculture. Succession in the field.

Introdução

Principal responsável pela comida que chega às mesas das famílias brasileiras, a agricultura familiar responde por cerca de 70% dos alimentos consumidos em todo o País. Segundo o Portal Brasileiro (2015), o pequeno agricultor ocupa papel decisivo na cadeia produtiva que abastece o mercado brasileiro.

Os maiores Estados produtores de café no Brasil são: Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Bahia e Rondônia, sendo Minas Gerais o maior produtor. Essa liderança se efetivou a partir da década de 1970, devido a existência de um Plano de Renovação e Revigoramento dos Cafezais, proposto pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC), e a ocorrência de geadas nas principais áreas de produção dos estados do Paraná e São Paulo, que eram os maiores produtores à época, bem como a incorporação de extensas áreas de cerrado. A cafeicultura exerce grande influência sobre muitas economias locais, cujos municípios em geral estão localizados em áreas de montanha. Tendo em vista essa heterogeneidade, os modelos tecnológicos aplicados na cafeicultura são díspares, cujas potencialidades e fragilidades são específicas de cada região produtora do estado (VILELA; RUFINO, 2010).

Segundo Peregrini e SIMÕES (2011), a cafeicultura de Minas Gerais apresenta-se com maior produtividade com relação aos demais estados, devido principalmente aos esforços dirigidos pela pesquisa e transferência de tecnologias e a aptidão natural do Estado de Minas para condução desta cultura, especialmente relacionada com as condições de relevo, clima e solos.

Na porção leste de Minas Gerais, em pleno bioma de Mata Atlântica, encontra-se uma área nomeada "Matas de Minas", formada por 63 municípios produtores de café. A região, às características de relevo montanhoso, com altitude média de 697 metros e, principalmente, pela localização na porção leste de Minas Gerais, apresenta clima temperado, com temperaturas amenas em grande parte de sua área destacando-se por ser favorável à produção de cafés de qualidade que por sua vez, são produzidos em pequenas propriedades, inferiores a dez hectares, classificadas como agricultura familiar (FERREIRA et al., 2016).

As empresas familiares, incluindo as propriedades rurais familiares, possuem grande importância para a economia do país, sendo sua continuidade de extrema importância para o desenvolvimento nacional. Na perspectiva social, a empresa familiar representa uma das maiores geradoras de emprego, podendo levar à descentralização dos polos regionais de desenvolvimento. Economicamente, quando há maior geração de emprego, se produz um aumento do mercado consumidor e uma melhora da distribuição de renda (BERNHOF, 1993).

No contexto da agricultura familiar, o café não pode ser tratado como um produto genérico, já que em torno do mesmo formou-se uma cultura que ultrapassa o modo produtivo, influenciando a vida em comunidade, as tradições e mesmo a qualidade do produto final. Por ser um produto influenciado pelo microclima e pelo fator humano, o café goza de prestígio como gênero

gastronômico, e o universo que o envolve pode atrair fluxo turístico para as regiões produtoras (ANDRADE; MOSS, 2012).

A produção brasileira de café por agricultores familiares ganha cada vez mais destaque, tanto em quantidade quanto em qualidade. No entanto a agricultura familiar tem dinâmica e características distintas quando comparada à agricultura convencional, e que merecem ser levadas em conta devido ao fato de serem conduzidas de forma rudimentar, com mão de obra predominantemente familiar, em pequenas áreas e com pouco auxílio tecnológico para viabilizar a produção com melhor aproveitamento dos recursos humanos e materiais envolvidos nas atividades realizadas. Nela, a gestão da propriedade é compartilhada pela família e a atividade produtiva agropecuária é a principal fonte geradora de renda (SECRETARIA, 2016).

Em função das características da agricultura familiar, existe uma preocupação quanto ao futuro da atividade, bem como a transmissão de ensinamentos dos atuais responsáveis para os possíveis sucessores, uma vez que a mesma é conduzida pela família.

Existem problemas na sucessão que podem estar ligados à falta de preparo dos sucessores para lidar com a nova situação social, confundindo a sucessão da empresa familiar, entre as quais se incluem as propriedades rurais, com herança. Assim, o presente estudo buscou analisar o processo de sucessão entre gerações de cafeicultores, considerando aspectos culturais, econômicos e sociais desta atividade agrícola, dando ênfase ao papel da mulher, a qual possui grande importância dentro da dinâmica familiar, não somente como elemento da produção ou do trabalho como um todo, mas também como elemento da reprodução: como guardiãs e transmissoras privilegiadas do conjunto de princípios e valores de conduta dos seus herdeiros. Sua importância não se limita a participação nas atividades agrícolas ou não-agrícolas, estando intimamente ligada aos costumes, tradições e valores morais.

Com a presente pesquisa buscou-se analisar se existe, por parte da mulher cafeicultora, a preocupação com o futuro da atividade cafeeira, bem como se há articulações de estratégias no processo de sucessão dessa atividade nas propriedades rurais na região das Matas de Minas. Como procedimento técnico, realizou-se um estudo de campo com 146 mulheres envolvidas na cafeicultura da região, abordando questões que estão relacionadas ao processo de sucessão da atividade agrícola nas propriedades locais, possibilitando entender a participação da mulher no processo de transmissão da cultura agrícola aos herdeiros.

Revisão bibliográfica

Reprodução na Atividade Rural

Segundo Almeida (1986), a reprodução na agricultura pode ser abordada de duas formas: como reprodução cotidiana, que envolvem questões relacionadas às formas e meios de produção e sua organização e a reprodução geracional, que considera como a unidade familiar se perpetua enquanto tal, contemplando a lógica de parentesco. Essa reprodução, para Luxemburg (2003) é a continuidade da produção de bens ao longo do tempo, podendo variar historicamente as formas sociais de produção e adoção de tecnologia, matéria-prima e trabalho.

Assim, a reprodução na atividade rural aborda a fonte de recursos para os membros das famílias rurais (geração de trabalho e renda), a condição de permanência no campo, as práticas de sociabilidade, as condições de instalação dos jovens e as questões relativas à sucessão do responsável pela unidade produtiva (CAZELLA, 2009).

A reprodução social é um processo que implica uma socialização prévia na atividade, iniciada durante a infância, e que, em grande parte, ocorre na prática. É importante ter em mente, que dificilmente alguém se torna agricultor familiar a partir de um aprendizado exclusivamente escolar. O início do aprendizado profissional na agricultura raramente ocorre na fase adulta dos indivíduos. Na agricultura a reprodução endógena é particularmente elevada, uma vez que poucos indivíduos ingressam como profissionais nesta atividade caso não sejam filhos de agricultores (CHAMPAGNE, 1986).

Dentro desse contexto de reprodução social, existem alguns aspectos a serem considerados, citados por Carneiro (2001), que dizem respeito às diferentes formas de transmissão do patrimônio. Essas diferentes formas podem variar de acordo com o contexto histórico, econômico, geográfico, institucional, entre outros. Isso indica que as estratégias de reprodução podem mudar de acordo com as condições de cada família, levando-se em conta os instrumentos de negociação ou de compensação

disponíveis, derivados tanto da sua história específica como da sua inserção na economia e na sociedade.

Assim, segundo Cardon (2004), a valorização social e adesão à identidade de agricultor podem variar segundo os contextos sociais. Este processo de reprodução social na agricultura pode estar ligado tanto a estratégias de permanência e adesão à identidade de “agricultor” como de estratégias de mobilidade social, implicando, por parte dos pais, um investimento na aquisição de diplomas superiores para seus filhos, para que estes abandonem a atividade agrícola.

No mundo rural, um fator de mudança observado nos últimos anos foi que a valorização da educação começou a ser vista como um pré-requisito para encontrar um trabalho. O salário passou a ser fator decisivo na individualização da força de trabalho. Os filhos não se motivam mais a permanecer na agricultura devido à baixa renda. A condição pesada do trabalho agrícola não mecanizado desmotiva os jovens ao trabalho nesse setor, principalmente as mulheres que participam mais do mercado de trabalho externo, sendo mais motivadas a ir estudar e trabalhar fora. Isso muitas vezes é realizado pelas próprias mães que querem uma melhor qualidade de vida (SILVA, 2012).

Nas análises das estratégias de reprodução da atividade rural, considera-se também as condições econômicas. Destacam-se o tamanho das propriedades e as diferentes possibilidades de inserção nos mercados de produtos agrícolas (ABRAMOVAY et al., 1998). A partir dessas possibilidades, são observadas estratégias econômicas, como a integração a agroindústrias, a pluriatividade, a busca de sistemas de produção alternativos e o comércio direto em feiras. Em se tratando de reprodução na agricultura, as condições culturais também são consideradas, como as estratégias sucessórias (BRUMER; ANJOS, 2008).

Além disso, segundo Schneider (2003), a reprodução social e econômica pode ser considerada, além do resultado da vontade individual e coletiva familiar ou de intermediação entre os indivíduos-membros com sua família, resultado também das pressões econômicas externas do sistema social em que estão imersos. Nesse processo cabe à família e a seus membros um papel importante, pois suas decisões, estratégias e ações podem trazer resultados favoráveis ou desfavoráveis à sua continuidade e reprodução.

Mulher na atividade agrícola

Embora as estatísticas não valorizem especificamente o trabalho das mulheres, os estudos etnográficos têm mostrado o quanto elas vêm contribuindo para as atividades produtivas em vários contextos socioeconômico-culturais da agricultura (PACHECO, 1996). A mulher tem sido precursora no campo da produção, dentro da unidade familiar e desafia a agricultura convencional ao colocar em prática saberes adquiridos em outras gerações, questionando as formas de produzir e demonstrando descontentamento nos casos em que a lucratividade imediata sobrepõe o bem-estar da família (LOVATTO, 2010).

As mulheres presentes na atividade rural contribuem muito mais para a agricultura do que se supõe, porém a sociedade impôs à mulher condições inferiores que se refletem em todas as dimensões de sua vida, principalmente na divisão sexual dos papéis. Assim, sustentam-se ideologias de complementaridade do seu trabalho, ou tornando-o invisível e sem importância para a geração de renda e para o desenvolvimento rural, principalmente a partir do domínio do capital, em que a produção das pequenas propriedades de subsistência, assim como o trabalho doméstico sem valor mercantil, passa a ser desinteressante (MAIA; LOPES, 2001).

Para Carneiro (2001), as mulheres sempre contribuíram no processo de desenvolvimento sociocultural e econômico do território rural. Sua importância existe além da participação nas atividades agrícolas ou não agrícolas, sendo ligada também aos costumes, tradições e valores. Segundo ele, nas estratégias de desenvolvimento rural, a diversificação da propriedade tem forte relação com a participação da mulher, que contribuem de forma significativa. Isso se torna possível quando ela tem acesso não só às responsabilidades da família, mas também às da produção. As mulheres, além de geralmente realizarem as tarefas relacionadas ao lar e suas proximidades, ainda participam da construção da paisagem rural, mesmo que inconscientemente. De acordo com o autor são elas as responsáveis por manter um ambiente sustentável.

Segundo Sales (2007), a presença das mulheres rurais na produção agrícola familiar é evidente. Não se pode negar que elas estão ocupando terras, plantando, colhendo, e cultivando o desejo de ter uma terra livre e usufruí-la com seu trabalho. Além de estarem presentes na casa, no quintal e na roça, ainda lutam pela terra e direito de serem reconhecidas como trabalhadoras.

Os movimentos de mulheres trabalhadoras rurais se situam no território do sindicalismo rural, no qual estampam sua presença de diferentes maneiras, pelas quais pode se acessar os pontos de inclusão das mulheres nesse espaço social. As lutas das mulheres ainda são vistas como sendo coisas de mulher e não do conjunto do movimento sindical, mas aos poucos aparecem situações em que o movimento é reconhecido e abraçado pela sociedade (MOTA, 2006).

Responsabilidade social no meio rural

Nos últimos anos, a cultura da responsabilidade social vem crescendo de forma acentuada, incentivando a incorporação de práticas e atitudes de responsabilidade socioambiental no modelo de gestão dos empreendimentos. No Brasil, muitas organizações empresariais foram criadas para discutir temas sociais, de direitos humanos e de sustentabilidade ambiental. Várias têm sido as iniciativas para fomentar a elaboração e divulgação de relatórios sociais e ambientais, uma vez que a elaboração e a publicação de balanços sociais representam uma das mais importantes práticas estratégicas na gestão empresarial socialmente responsável. Além disso, viabiliza o planejamento, a avaliação e o aperfeiçoamento de ações sociais, promovendo a transparência e a abertura de canais de comunicação e de diálogo entre a entidade e seus *stakeholders* (CARVALHO et al., 2009).

Para Leite (2005), as propriedades rurais assim como as empresas urbanas são partes da sociedade em que estão inseridas, tendo como responsabilidade observar o impacto que produz sobre o bem-estar humano e social e da manutenção do meio ambiente, do qual a vida depende. A sustentabilidade da atividade empresarial depende do plano econômico e também dos aspectos sociais e ambientais de forma integrada, isso além de gerar recursos financeiros a empresa deve prover benefícios ao seu meio. Para que a empresa seja socialmente responsável ela precisa começar este percurso para realização de um diagnóstico, listar e analisar todos os potenciais impactos negativos da atividade que exerce, ouvir as partes interessadas e fazer um plano que estará, naturalmente, sempre em evolução. Ela se torna socialmente responsável à medida que concretiza esse plano.

A responsabilidade social da mulher na atividade rural

No ambiente familiar, existem diferentes formas de acesso e controle da terra e os demais recursos produtivos. As mulheres, apesar de trabalharem em praticamente todas as tarefas da propriedade, muitas vezes não participam da decisão sobre os usos dos recursos ou sobre as prioridades da família e não têm acesso à renda gerada por seu trabalho. Porém, devido à responsabilidade social atribuída a elas de cuidarem do lar e da educação dos filhos, é de extrema importância o seu papel no processo de reprodução da atividade agrícola, uma vez que possuem grande ligação no processo de formação da identidade dos futuros herdeiros e tema maternidade como sua principal responsabilidade dentro do lar (SILIPRANDI; CINTRÃO, 2011).

Para entender as regras de transmissão do patrimônio familiar entre agricultores, levando em conta as diferenças entre os gêneros, exige que se reconheçam os distintos papéis reservados a homens e mulheres na dinâmica de reprodução social. Se forem considerados, além dos bens materiais, outros tipos de bens, simbólicos, são transmitidos de uma geração a outra. Observa-se papel crucial desempenhado pela mulher na dinâmica das famílias, não somente como elemento da produção ou do trabalho, mas também como elemento da reprodução: como guardiãs e transmissoras privilegiadas de valores (CARNEIRO, 2001).

As relações de poder se manifestam de formas diferenciadas em cada sociedade. Na sociedade tradicional, as mulheres que exercem algum tipo de poder são temidas. Um desses motivos pode ser que elas detêm de certos conhecimentos ignorados pelos homens. Além disso, o poder de manipulação que as mulheres detêm na esfera doméstica é evidente, possuindo a capacidade de influenciar os homens nas suas decisões, como por exemplo ganhar a lealdade de seus filhos (ROSALDO; LAMPHERE 1979).

Para Carneiro (2001), as mulheres sempre desempenharam um papel fundamental no processo de desenvolvimento sociocultural e econômico do território rural. Essa importância não se limita a participação nas atividades agrícolas ou não agrícolas, está intimamente ligada aos costumes, tradições e valores.

A inserção da mulher nas relações de poder, se dá pelo fato de que elas criaram mecanismos para intervir e influenciar tanto no espaço privado do lar como no espaço público e político. Estes

mecanismos surgem de acordo com a cultura, o cotidiano, a capacidade de percepção e análise da realidade, os recursos da fala e da leitura, ou de atividades predominantemente femininas (MAIA; LOPES, 2001).

Segundo Lovatto (2010), em muitos casos é a mulher a responsável pela introdução das novas práticas de produção, na medida em que testa formas e preparados nos cultivos, dedica-se ao artesanato, à culinária, aos agrupamentos sociais, recuperando dessa forma a cooperação em todas as esferas produtivas. Ela aparece como o centro de formação das articulações no meio rural, conectando, às vezes, através da religiosidade, a família e a comunidade, movimentando a vizinhança para uma mudança de hábitos.

Segundo pesquisa realizada por Meira (2013), foi observado que a participação das mulheres vem crescendo, não apenas como preferência de mão de obra, principalmente para catar o café, como também em diferentes atividades cafeeira, tais como, atividades na lavoura, fazendo gestão da propriedade de café, degustadora, empresária e participação ativa em cooperativas e/ou associações. Além disso, a mulher oferece apoio aos maridos produtores de café, contribuindo para melhorar a qualidade da produção, pois conhecem bem o terreiro de café e são detalhistas na seleção dos grãos, o que é muito importante para conservação de características como aroma e sabor.

Região das Matas de Minas

A região das Matas de Minas está situada em uma área de Mata Atlântica, no leste do estado de Minas Gerais, sendo que a maior parte dos municípios estão localizados na porção norte da mesorregião geográfica da Zona da Mata mineira e uma menor parte se encontram na porção sul da mesorregião do Vale do Rio Doce (FERREIRA et al., 2016).

Esta região é responsável pelo segundo lugar em produção de café no estado de Minas Gerais, o qual apresenta o maior Parque Cafeeiro do Brasil, maior produtor mundial de café. Está localizada em uma região onde se apresentam características favoráveis à produção cafeeira, o que revela um grande potencial para produzir cafés que podem ser chamados de cafés de qualidade, que possuem uma grande diversidade de sabores e atributos que já os premiaram em concursos nacionais e internacionais (ZAIDAN et al., 2016).

A região é composta por 63 municípios, totalizando aproximadamente 240 mil hectares de lavoura de café, 35% do total de propriedades que produzem café no estado. Existem cerca de 36.000 produtores de café na região, e 80% destes possuem menos de 20 hectares plantados, caracterizando uma predominância na agricultura familiar, marcada pelo impacto econômico e social, sendo responsável por geração de 75 mil empregos diretos e 156 mil empregos indiretos (MINAS, 2017).

O sistema produtivo empregado no cultivo do café arábica nas Matas de Minas é predominantemente manual, sem emprego de mecanização, devido a sua característica natural de relevo acidentado. Esse fator favorece a alocação de mão de obra local e conseqüentemente a geração de emprego e renda, contribuindo para o desenvolvimento regional dos municípios que compõem a região das Matas de Minas (ZAIDAN et al., 2016).

No contexto social que envolve o café da montanha, caracterizado por produção em pequena escala que difere este segmento de produção das grandes cadeias agro-alimentares, o cafeicultor das "Matas de Minas Gerais" mantém uma organização particular da produção nas características do produto e no relacionamento com a Identidade Territorial e Cultural dos cafés produzidos nessa região. Esta prática tradicional busca assegurar a diferenciação da produção, estabelecendo um relacionamento íntimo de cafés com o seu local de origem, através de uma produção com dimensões humanas, em que são mantidos os tradicionais práticas de cultivo, paixão e amor ao lidar com o café (FERREIRA et al., 2016).

De maneira geral, as propriedades fazem uso de mais de um tipo de mão-de-obra para a realização dos tratamentos culturais e para colheita, porém, a mão-de-obra familiar é de grande importância para a realização dos tratamentos culturais. É considerável o número de propriedades que se utilizam de algum equipamento motorizado, como roçadeira e pulverizador, mesmo que transportado pelo operador. Na região, o número de propriedades dirigidas pelo proprietário aumenta com a redução da área explorada pela cafeicultura. A maioria das propriedades são dirigidas por cafeicultores do sexo masculino com 40 anos de idade ou mais e não possuem curso técnico agrícola ou superior. Dos proprietários que possuem filhos, grande parte enviam seus filhos à escola (CORDEIRO; SINGULANO; RIBEIRO, 2010).

A região das Matas de Minas possui topografia montanhosa, com altitudes que variam de 600 a 1200 m, e segundo Ferreira et al. (2016) apresenta temperaturas amenas do ar, o que pode favorecer a produção destes cafés de qualidade. Além dos fatores ambientais favoráveis, destaca-se o clima. Devido à localização da região, que se encontra na Zona intertropical, recebe grande quantidade de luz solar durante o ano, acarretando em temperaturas mais elevadas ao longo do ano em relação a outras zonas climáticas.

Ferreira et al. (2016) destaca que por ser uma região montanhosa é comum a presença de ventos, que atuam de modo a contribuir para as características amenas da temperatura dos microclimas que se formam nos vales entre as montanhas, cujas quais revelam-se favoráveis à produção de café.

Metodologia

Foi realizada, no período de outubro a novembro de 2017, pesquisa de campo com 146 mulheres envolvidas na cadeia produtiva do café. A população alvo da pesquisa foi composta por unidades produtivas de famílias cafejeiras, as quais devem estar enquadradas nos critérios de classificação do Ministério do Desenvolvimento Agrário, o qual estabelece que para ser considerado como estabelecimento da “Agricultura Familiar – AF”, a propriedade deve ter no máximo quatro módulos fiscais (conceito introduzido pela lei nº6.746/79) e a mão-de-obra utilizada na produção deve ser de origem, predominantemente, familiar.

Foi utilizado um questionário estruturado abordando, entre outras coisas, questões culturais, econômicas e sociais das propriedades. O questionário foi aplicado, por meio de entrevista, na área de estudo que compreende os municípios de Alto Jequitibá, Araponga, Carambola, Coimbra, Divino, Durandé, Eugenópolis, Manhuaçu, Manhumirim, Martins Soares, Miraí, Raul Soares, São Sebastião da Vargem Alegre e Tombos localizados na região das Matas de Minas, a qual fica situada em uma área de Mata Atlântica à leste do estado de Minas Gerais.

Foram feitas análises para identificação dos aspectos relevantes para a realização da pesquisa, revisão das hipóteses de interesse configurada por meios das perguntas, estabelecimento do plano de perguntas que deveriam compor os questionários, ordenadamente, e, por último foram redigidas as perguntas, que segundo Richardson (2015), são “operações” para preparação dos elementos complementares ao questionário.

Foi utilizada a análise estatística descritiva para resumir e descrever os aspectos importantes do conjunto de dados que foi obtido a partir das respostas dos questionários aplicados, nos quais era abordada a responsabilidade social da mulher ao longo do processo de sucessão da agricultura na região.

Para as análises estatísticas consideram-se média, moda, desvio padrão e tabulação cruzada envolvendo duas variáveis, a fim de estabelecer correlação entre ambas. A tabulação das respostas dos questionários foi realizada com o uso do Microsoft Excel versão 2010, e as análises estatísticas foram feitas com o uso do *software* estatístico Gretl versão 1.9.8.

Resultados e discussões

Aspectos socioculturais

Com base nos resultados é possível observar que entre as mulheres que participaram da presente pesquisa, a maioria (31%) encontra-se na faixa etária de 40 a 49 anos, e se consideram brancas (58,2%). Elas não possuem o ensino fundamental completo (41%) e assumem o papel de proprietárias, sócias ou esposas dentro das propriedades (61%).

Grande parte das entrevistadas (80%) possuem acesso à informação, mostrando que elas possuem conhecimentos de assuntos referentes ao mercado, à comercialização, às políticas agrícolas, à meteorologia, entre outros.

A maioria (70,1%) das entrevistadas possuem filhos e as famílias são compostas por 3 filhos. Nas propriedades em que a entrevistada não possui filhos, geralmente já existem pessoas que possuem algum vínculo familiar e estão envolvidas na atividade agrícola, essas herdarão a propriedade.

Há uma predominância (62%) de terras originadas de herança ou que foram compradas pela família. Além disso, a cafeicultura para 94,5% das famílias representa continuidade das atividades da família.

É possível também identificar que a maioria (58,2%) das mulheres se consideram brancas, seguidas de pardas (34,2%). Há 6,2% de mulheres que se autodeclararam negras e apenas 1,4% não se enquadraram nos itens mencionados.

Na Tabela 1 é apresentada a tabulação cruzada alusiva ao papel da mulher dentro da propriedade (Papel da mulher) e suas respectivas faixas etárias (Idade).

Tabela 1: Tabulação cruzada entre Papel e Idade

| Papel da mulher | Idade | | | | | Total |
|-----------------------|------------|------------|------------|------------|-----------|-------------|
| | < 20 | 30 a 39 | 40 a 49 | 50 a 59 | > 60 | |
| Proprietária ou sócia | 20% | 12% | 40% | 16% | 12% | 35% |
| Proprietária e esposa | 8% | 15% | 44% | 26% | 8% | 26% |
| Esposa | 14% | 21% | 24% | 31% | 10% | 20% |
| Filha do proprietário | 79% | 18% | 4% | 0% | 0% | 19% |
| Total | 26% | 16% | 31% | 19% | 8% | 100% |

Fonte: Elaboração dos autores.

A maior parte das mulheres que foram entrevistadas encontram-se na faixa etária de 40 a 49 anos (31%), que são em sua maioria proprietárias, sócias ou esposas dos proprietários.

Na Tabela 2 é apresentada a tabulação cruzada referente ao grau de escolaridade das mulheres (Escolaridade) e o acesso à informação (Informação).

Tabela 2: Tabulação cruzada entre Escolaridade e Informação

| Escolaridade | Informação | | Total |
|-------------------------------|------------|------------|-------------|
| | Sim | Não | |
| Não estudou | 3,3% | | 0,7% |
| Ensino fundamental incompleto | 37,1% | 53,3% | 40% |
| Ensino fundamental completo | 19,8% | 13,3% | 18,5% |
| Ensino médio completo | 26,7% | 23,3% | 26% |
| Ensino superior completo | 14% | 6,7% | 12,3% |
| Pós-graduação completa | 2,6% | | 2,1% |
| Total | 80% | 20% | 100% |

Fonte: Elaboração dos autores.

Com relação ao acesso à informação sobre cafeicultura, a maioria das mulheres (80%) afirmam que possuem acesso, sendo que a maioria das mulheres desse grupo (37,1%) não possuem o ensino fundamental completo. Tal fato revela que o grau de escolaridade não é fator determinante para o acesso à informação por parte delas.

Na Tabela 3 é apresentada a tabulação cruzada que relaciona a origem de cada propriedade (Origem da propriedade) à continuidade às atividades pela família (Continuidade pela família).

Tabela 3: Tabulação cruzada entre Origem da propriedade e Continuidade

| Origem da propriedade | Continuidade pela família | | |
|------------------------------------|---------------------------|-------------|-------------|
| | Sim | Não | Total |
| Herança e/ou comprada pela família | 96,6% | 3,4% | 60% |
| Comprada pelos atuais responsáveis | 91,5% | 8,5% | 32% |
| Arrendada | 91,7% | 8,3% | 8% |
| Total | 94,5% | 5,5% | 100% |

Fonte:Elaboração dos autores.

Entre as propriedades consideradas no presente trabalho, há predominância (94,5%) de proprietários que deram continuidade às atividades da família, as quais são em sua maioria (60%) terras adquiridas por herança ou comprada pela família, (32%) das propriedades foram compradas pelos atuais responsáveis e a menor parte (8%) tem como origem o processo de arrendamento.

Aspectos Econômicos

Na Tabela 4 está apresentada a tabulação cruzada do percentual de propriedades que possuem, ou não, controle de custos (Controle de custos), e o percentual de propriedades que possuem assistência técnica pública ou privada (Disponibilidade de assistência técnica).

Tabela 4: Tabulação cruzada entre o Controle de custos e Disponibilidade de assistência técnica

| Controle de custos | Disponibilidade de assistência técnica | | | Total |
|-------------------------------|--|--------------|--------------|-------------|
| | Não possui | Pública | Privada | |
| Não Possui controle de custos | 62,2% | 29,7% | 8% | 25% |
| Possui controle de custos | 40,4% | 44% | 15,6% | 75% |
| Total | 45,9% | 40,4% | 13,7% | 100% |

Fonte: Elaboração dos autores.

Considerando o aspecto de disponibilidade de assistência técnica pública e/ou privada, a maioria (54,1%) das propriedades possuem acesso à assistência técnica a qual predominantemente (40,4%) pública, sendo que (45,9%) das propriedades não possuem assistência técnica, sendo que a maioria (62,2%) dos quais não possuem assistência técnica apresenta a tendência de falta de controle de custos, ou seja, a ação da assistência técnica pode vir a contribuir para que os proprietários passem a ter conhecimentos e controle de seus custos e receitas. No geral (75%), as propriedades possuem controle financeiro na atividade.

Na Tabela 5 é apresentada a tabulação cruzada do grau de satisfação das mulheres com a cafeicultura (Grau de satisfação) e do seu conhecimento de custos (Controle de custos) provenientes desta atividade.

Tabela 5: Tabulação cruzada entre Controle de custos e Grau de satisfação

| Controle de Custos | Grau de satisfação | | | Total |
|-------------------------------|--------------------|-------------|--------------|-------------|
| | Satisfeita | Indiferente | Insatisfeita | |
| Não possui controle de custos | 59,5% | 16,2% | 24% | 25% |
| Possui controle de custos | 68,8% | 29,4% | 1,8% | 75% |
| Total | 66,4% | 26% | 7,5% | 100% |

Fonte: Elaboração dos autores.

A maior parte (66,4%) das entrevistadas afirmaram estar satisfeitas com a cafeicultura. Dentro deste grupo, a maioria das mulheres afirmam possuir o controle de custos da atividade, mostrando que esta se apresenta rentável para as que se identificam como “mulheres satisfeitas”.

A minoria (7,5%) das entrevistadas afirmam estarem insatisfeitas com a atividade, porém quase todas mulheres deste grupo não possuem o controle de custos da atividade, revelando que elas não têm conhecimento aprofundado da rentabilidade do seu negócio.

Na Tabela 6 está apresentada a tabulação cruzada relacionado ao grau de satisfação das mulheres com a cafeicultura em sua propriedade (Grau de satisfação) e suas expectativas com relação à produção futura da atividade (Expectativas de produção).

Tabela 6: Tabulação cruzada entre Grau de satisfação e Expectativas de produção

| Grau de satisfação | Expectativas de produção | | | | Total |
|--------------------|--------------------------|--------------|-------------|-----------|------------|
| | Aumentar | Manter | Diminuir | Sair | |
| Satisfeita | 80,4% | 19,6% | | | 97 |
| Indiferente | 78,9% | 21,1% | | | 38 |
| Insatisfeita | 81,8% | 9,1% | 9,1% | | 11 |
| Total | 80,1% | 19,2% | 0,7% | 0% | 146 |

Fonte: Elaboração dos autores.

É possível observar que há predominância (80,4%) de entrevistadas que se sentem satisfeitas quanto à atividade e possuem planos de aumentar sua produção, sendo que apenas 19,66% daquelas que se sentem satisfeitas pensam em manter a quantidade atual produzida (19,6%).

Quanto às expectativas futuras em relação à produção atual das propriedades, grande parte das entrevistadas (80,1%) tem planos de aumentar a produção. Outra parte (19,2%) planeja manter a produção atual. Apenas 0,7% das entrevistadas desejam diminuir a produção. Ninguém tem planos de sair da atividade, o que pode representar que a cafeicultura é importante na complementação de renda das famílias, sendo em alguns casos a principal fonte de renda.

Sucessão

Entre as entrevistadas, a maioria (65%) não apresenta critérios definidos para a escolha do futuro sucessor. Entre as mulheres que apresentam esses critérios, foi observado que é comum a inclusão de todos os possíveis herdeiros, independentemente do sexo. As mulheres levam em consideração o interesse do herdeiro, seu envolvimento com a atividade, o gosto pelo o que faz, bem como se é organizado. Em algumas propriedades não existe a possibilidade de escolha, pois há somente um possível herdeiro e, segundo elas, o herdeiro precisa ser da família.

Na Tabela 7 é apresentada a tabulação cruzada concernente a existência de possíveis sucessores (herdeiros) na família com, ou sem envolvimento na atividade, e o grau de importância da sucessão na cafeicultura para as mulheres entrevistadas.

Tabela 7: Tabulação cruzada entre Herdeiros e Grau de importância da sucessão

| Herdeiros | Grau de importância da sucessão | | | Total |
|------------------------------|---------------------------------|------------------|-----------------|-------|
| | Importante | Pouco importante | Sem importância | |
| Não possui herdeiro(s) | 85,7% | 9,5% | 4,8% | 15% |
| Herdeiro(s) envolvido(s) | 98,8% | 1,2% | | 57% |
| Herdeiro(s) não envolvido(s) | 100% | | | 28% |
| Total | 97,2% | 2,1% | 0,7% | 100% |

Fonte: Elaboração dos autores.

Entre as mulheres entrevistadas, a maioria (97,2%) considera importante se preocupar com o futuro da atividade, bem como preparar as gerações futuras para a continuidade das atividades da propriedade.

Em 15% dos casos não há herdeiros, mas em 85% das propriedades existe alguém da família que irá herdar a propriedade e dará continuidade às atividades realizadas atualmente, sendo que na maioria dos casos (57%), o futuro herdeiro está envolvido com a atividade.

Em 64% dos casos existe mais de um herdeiro, de ambos os sexos, envolvido na atividade. Nas propriedades que possuem apenas um herdeiro, há predominância (88%) de herdeiros do sexo masculino. Em 28% das famílias existe alguém que irá dar continuidade às atividades, porém ainda não está envolvido com a atividade.

Dentre todas as propriedades que participaram do presente estudo, em 18 propriedades não há existência de possíveis herdeiros, assim as perguntas relacionadas ao processo de sucessão dentro das propriedades foram respondidas por somente 128 mulheres.

Na Tabela 8 está apresentada a tabulação cruzada atinente a existência de herdeiros (Herdeiros) e ao grau de incentivo aos herdeiros para a continuidade na atividade cafeeira (Grau de incentivo).

Tabela 8: Tabulação cruzada entre Herdeiros e Grau de incentivo

| Herdeiros | Grau de incentivo | | | | Total |
|------------------------------|-------------------|-------|-------------|---------------|-------|
| | Muito | Pouco | Muito pouco | Não incentiva | |
| Herdeiro(s) envolvido(s) | 81,7% | 12,2% | 2,4% | 3,7% | 85 |
| Herdeiro(s) não envolvido(s) | 76% | 14,6% | 4,9% | 4,9% | 43 |
| Total | 78,1% | 14,8% | 3,1% | 3,9% | 128 |

Fonte: Elaboração dos autores.

Em se tratando da participação da mulher no processo de preparação de futuros herdeiros para a continuidade das atividades cafeeiras, 78,1% das mulheres consideram que incentivam muito os futuros herdeiros a continuarem na atividade, outras 14,8% incentivam pouco, e 3,1% incentivam muito pouco. As que não incentivam representam 3,9%. Tal fato revela que grande parte das mulheres apoiam a permanência do filho no campo.

Considerando as propriedades que possuem herdeiros envolvidos na atividade, as mulheres incentivam muito cerca de 81,7% dos herdeiros a continuarem na cafeicultura.

Na Tabela 9 são apresentados os resultados da tabulação cruzada tocante à existência de herdeiros envolvidos (Herdeiros), ou não, com a atividade cafeeira, e o grau de auxílio da mulher no processo de preparação dos herdeiros (Grau de auxílio) para assegurar a continuidade dessa atividade agrícola.

Tabela 9: Tabulação cruzada entre Herdeiros e Grau de auxílio no processo de preparação dos herdeiros

| Herdeiros | Grau de auxílio | | | | Total |
|------------------------------|-----------------|-------|-------------|-------------|-------|
| | Muito | Pouco | Muito pouco | Não auxilia | |
| Herdeiro(s) envolvido(s) | 79,3% | 14,6% | | 6,1% | 82 |
| Herdeiro(s) não envolvido(s) | 68,3% | 22% | 4,9% | 4,9% | 41 |
| Total | 74,2% | 18,8% | 1,6% | 5,5% | 128 |

Fonte: Elaboração dos autores.

Quanto ao auxílio no processo de preparação dos futuros herdeiros, 74,2% das mulheres consideram que auxiliam muito, apenas 18,8% auxiliam pouco, e somente 1,6% auxiliam muito pouco. Aquelas que não auxiliam correspondem a 6%.

Entre as propriedades que possuem futuros herdeiros e já estão envolvidos na atividade, na maioria dos casos, segundo as mulheres entrevistadas, é comum elas oferecerem muito auxílio no processo de transmissão de conhecimentos aos futuros herdeiros da propriedade.

Considerações finais

Com base nas análises realizadas no presente estudo foi observado que grande parte das mulheres dispõem do ensino fundamental incompleto e possuem acesso à informação, controle de custos e, possuem herdeiros. A maioria das mulheres entrevistadas apresenta um perfil com aspecto positivo, pois quanto maior o grau de instrução das entrevistadas, mais suscetíveis elas estão para o recebimento de novos conhecimentos por meio de conscientizações sobre a importância do planejamento das atividades e ao processo de sucessão entre gerações das atividades rurais.

Foi possível também observar, mesmo sendo de forma indireta, que as mulheres entrevistadas participam do processo de sucessão da atividade cafeeira. Porém, não há planejamento quanto às estratégias adotadas para a realização do processo de sucessão nas propriedades, bem como não existem critérios definidos para a escolha dos herdeiros. Esse fato representa incerteza com relação à continuidade dessa atividade, pois quanto mais cedo os herdeiros forem incluídos nas atividades diárias da cafeicultura, maior será a motivação para que eles deem continuidade ao trabalho daqueles que estão atuando hoje em dia.

Outro aspecto importante é que existe a tendência de a cafeicultura ser uma atividade da família, a qual foi originada como sucessão das atividades das gerações passadas. Essa conjuntura revela que além do ponto de vista econômico, existe a tradição das famílias em trabalhar com a cafeicultura, fato esse que pode influenciar os atuais responsáveis pela atividade a motivarem seus possíveis herdeiros a permanecerem nessa atividade agrícola.

Diante do exposto, conclui-se que é necessário haver maior preocupação e planejamento por parte das famílias envolvidas na cafeicultura para que os futuros herdeiros dessa atividade se sintam engajados e motivados a continuar nesse setor. As mulheres, apesar de praticarem o processo de sucessão no meio rural, devem buscar mais informações sobre esse tema, pois muitas vezes não possuem conhecimento da importância do papel que exercem tanto dentro da família, como por exemplo na educação dos possíveis sucessores, quanto no agronegócio do café.

Referências

- ABRAMOVAY, R. *et al.* **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios.** Brasília: Unesco, 1998.
- BERNHOFTE, R. **Empresa familiar: sucessão profissionalizada ou sobrevivência comprometida.** 2. ed. São Paulo: Nobel, 1993.
- BRUMER, A., ANJOS, G. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** 2008, 17p.
- BRASIL. **Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiro, 24/07/2015.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro>. Acesso em: 30 set. 2017.

- CARDON, P. **Des femmes et des fermes: genres, parcours biographiques et transmission familiale, une sociologie comparative Andalousie/Franche-Comté**. Paris: L'Harmattan, 2004.
- CARNEIRO, M. J. **Herança e gênero entre agricultores familiares**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 22-55, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8602.pdf>.
- CARNEIRO, M. J. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1998.
- CARVALHO, L. R. F. *et al.* **Demonstração da responsabilidade social**. Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 71p. 2009.
- CAZELLA, A. *et al.* Multifuncionalidade da agricultura familiar no Brasil e o enfoque da pesquisa. In: CAZELLA, A. *et al.* (org.) **Agricultura Familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2009. faltando páginas
- CORDEIRO, A. T.; SINGULANO, G. F.; RIBEIRO, M. F. Caracterização da Cafeicultura de Montanha de Minas Gerais. **Estudos INAES**, v. I, n. Cap. II, p. 33-98. 2010.
- FERREIRA, W. P. M.; FERREIRA, G. R.; BARBOSA, T. K. M.; RIBEIRO, M. F. Região das Matas de Minas tem clima ideal para produção de café. **Revista cafeicultura**. Disponível em: <http://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=61443&artigo--regi-o-das-matas-de-minas-tem-clima-ideal-para-produ--o-de-caf-.html>. 2016.
- FERREIRA, W. P. M.; QUEIROZ, D. M.; SILVAC, S. A.; TOMAZ, R.S. Effects of the Orientation of the Mountainside, Altitude and Varieties on the Quality of the Coffee Beverage from the "Matas de Minas" Region, Brazilian Southeast. **American Journal of Plant Sciences**, v. 7, p. 1291-1303, jun. 2016.
- LEITE, R. C. M. **Responsabilidade social no setor rural**. 2005. Disponível em: <http://www.agrisustentavel.com/artigos/rpsocial.html>. Acesso em: 22 set. 2017.
- LOVATTO, P. Gênero, sustentabilidade e desenvolvimento: uma análise sobre o papel da mulher na agricultura familiar de base ecológica. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 191-212, mai./ago. 2010.
- LUXEMBURG, R. **The Accumulation of Capital**. London; New York: Routledge, 2003, 512 p.
- MAIA, C., LOPES, M. F. As desigualdades de gênero no contexto do desenvolvimento humano. **Unimontes Científica**, Montes Claros, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2001.
- MINAS. **Região das Matas de Minas**. Disponível em: <http://www.matasdeminas.org.br/>. Acesso em: 15 set. 2017.
- MOTA, M. D. B.. **Margarida nas ruas: as mulheres trabalhadoras rurais como categoria política**. NEAD Especial. Brasília: MDA, IICA, 2006.
- PACHECO, M. E. L. **Sistemas de Produção: Uma perspectiva de gênero**. Uma versão preliminar deste texto, foi apresentada no workshop "Gênero, Democracia e Políticas Públicas - construindo referências para a política de atuação das ONGs Brasileiras". Coordenação de SOS CORPO Gênero e Cidadania e apoio da entidade alemã GTZ. São Paulo, p. 1-13, 1996.
- PEREGRINI, D. F.; SIMÕES, J. C. Desempenho e problemas da cafeicultura no Estado de Minas Gerais: 1934 a 2009. **Campo-Território: revista de Geografia Agrária, Uberlândia**, v. 6, n. 12, p.183-199, ago./2011
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e técnicas**. Revista e Ampliada, São Paulo, 3. ed. 334 p. 2015.
- ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L. **A Mulher, A Cultura, A Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 17 – 32.

RUFINO, J. L. S. **Matas de Minas: uma região produtora de café em movimento**. Disponível em: <https://www.cafepoint.com.br/radares-tecnicos/gerenciamento/matas-de-minas-uma-regiao-produtora-de-cafe-em-movimento-94511n.aspx>. Acesso em: 18 set. 2017.

SALES, C. V. **Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p.437-443, 2007.

SCHNEIDER, S. **A Pluriatividade na Agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SECRETARIA Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário. **O que é Agricultura Familiar**, 06/09/2016. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-%C3%A9-agricultura-familiar>. Acesso em: 16 out. 2017.

SILIPRANDI, E., CINTRÃO, R. **As mulheres agricultoras no programa de aquisição de alimentos (PAA)**. Segurança alimentar e nutricional, Campinas. 2011.

SILVA, J. F. A mulher como força de trabalho na modernização da agricultura no Brasil. *Revista Latino-Americana de História*, v. 1, n. 3, p. 232-248, 2012.

VILELA, P. S.; RUFINO, J. L. S. (org.). **Caracterização da cafeicultura de montanha de Minas Gerais**. INAES, 2010. Estudos INAES. Cadeias Produtivas. Café, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.inaes.org.br/publica/Livro_cafeicultura_de_montanha.pdf. Acesso em: 17 out. 2017.

ZAIDAN, U. R.; CORRÊA, P. C.; FERREIRA, W. P. M.; CECON, P. R. Ambiente e variedades influenciam a qualidade de cafés das Matas de Minas. *Revista Campo e Negócios*. Disponível em: <http://www.revistacampoenegocios.com.br/o-clima-para-a-cafeicultura-na-regiao-das-matas-de-minas/>. 2016.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.